

NATUREZA, AFETO E APRENDIZAGENS NA FORMAÇÃO DE DOCENTES E DISCENTES – UMA AULA-PASSEIO NA FLORESTA DA TIJUCA

Andrea Müller Garcez¹
Clícia Alcântara de Barros²
Priscila Cordeiro de Almeida³
Priscila Andrade Magalhães Rodrigues⁴

RESUMO

O presente trabalho busca refletir acerca dos diferentes processos pedagógicos que permeiam a construção de uma aula-passeio, desde seu planejamento, passando pela aula em si, até as diferentes atividades realizadas posteriormente na escola, de forma interdisciplinar. A análise foi desenvolvida a partir dos registros em caderno de campo sobre o trabalho coletivo de professoras preceptoras e residentes do Programa de Residência Pedagógica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na realização de uma aula-passeio na Floresta da Tijuca, com turmas do 4º ano do ensino fundamental do Colégio Pedro II, Campus São Cristóvão I. Também foram analisados registros dos estudantes que vivenciaram a atividade. A experiência revelou-se um espaço/tempo privilegiado de aprendizagens para crianças, residentes e professores, contribuindo para a formação docente, tanto inicial, no caso das residentes, quanto continuada, no caso das professoras preceptoras, e ampliando a leitura de mundo de todos os envolvidos na atividade, como preconiza Paulo Freire. Além disso, destacamos a importância do trabalho colaborativo, baseado na ideia de parceria entre escola e universidade, que fundamenta a proposta do programa Residência Pedagógica - Pedagogia / UFRJ, onde todos os envolvidos no projeto constroem coletivamente a proposta e acompanham o desenvolvimento do trabalho, planejando e avaliando as ações. Partimos do pressuposto que a ação pedagógica, numa perspectiva de colaboração entre os participantes, possui muitos ganhos para docentes, residentes e, especialmente, para os estudantes da escola de educação básica.

Palavras-chave: Aula-passeio; Formação de professores; Residência pedagógica

INTRODUÇÃO

A aula-passeio enquanto proposta didática que possibilita a construção da aprendizagem dos discentes e docentes por meio do contato com a natureza e da experimentação é uma das técnicas de Célestin Freinet (1975) para a escola moderna, que contrapunha-se aos métodos

¹ Doutora em Educação, professora do Colégio Pedro II – CP2, preceptora do programa Residência Pedagógica da CAPES, andreamgarcez@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e residente do programa Residência Pedagógica da CAPES, ped.cliciaalcantara@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e residente do programa Residência Pedagógica da CAPES, priscilacrdr9@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: Doutora em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, priscilaapri@gmail.com

tradicionais de ensino, que focalizavam o uso do quadro, do livro, de textos descontextualizados que se distanciavam da vida das crianças, o que para Freinet (1975, p. 24) significa um “divórcio total, e inevitável, entre a vida e a escola”. Para o autor,

[a] aula-passeio constituía para mim uma tábua de salvação. Em vez de me postar, sonolento, diante de um quadro de leitura, no começo da aula da tarde, partia com as crianças, pelos campos que circundavam a aldeia. Ao atravessarmos as ruas, parávamos para admirar o ferreiro, o marceneiro ou o tecelão, cujos gestos metódicos e seguros nos inspiravam o desejo de imitar. Observávamo-nos o campo nas diversas estações no inverno, voamos os grandes lençóis estendidos sob as oliveiras para receber as azeitonas varejadas; na primavera, as flores de laranjeira em todo o seu encanto, as quais pareciam oferecer-se às nossas mãos, já não examinávamos, como professor e alunos, em torno de nós, a flor ou o inseto, a pedra ou o regato. Sentíamos-los como todo o nosso ser, não só objetivamente, mas com toda a nossa sensibilidade natural. (FREINET, 1975, p. 23)

A proposta de Freinet, inspira a escola atual a pensar a construção de conhecimentos na relação vida e escola, vida e conhecimento escolar, dialogando com os conhecimentos prévios dos estudantes e ampliando-os a partir de vivências e experiências na construção do conhecimento acadêmico, como defendem CANDAU e MOREIRA (2007). Nesta proposta, agrega-se sentido ao conhecimento estudado, experienciado e vivido no dia a dia, tornando-o assim, mais prazeroso para os estudantes, gerando reflexões, textos e material para as aulas.

Era normal que, nesta atmosfera nova, neste clima não escolar, quiséssemos, espontaneamente, criar relações bastante diferentes das relações demasiado convencionais da escola. Falávamos, comunicávamos, num tom familiar, os elementos de cultura que nos eram peculiares e de que tirávamos todos, professor e alunos, benefícios evidentes. Quando voltávamos à aula, fazíamos no quadro o balanço do passeio. (FREINET, 1975, p. 24)

Tais textos produzidos pelos estudantes, imbuídos de sentido, inspirou Freinet a pensar formas de “traduzir o texto vivo, expressão do “passeio” em material didático impresso, em substituição ao manual, garantindo assim, “o mesmo interesse profundo e funcional que nos inspirava a preparação do próprio texto” (*idem*, p.24). O trabalho com os “textos vivos” permitia a relação entre conhecimento e cultura, que passaram a estar presente nas aulas.

Neste artigo, temos por objetivo apresentar uma aula-passeio realizada com turmas do quarto ano do Colégio Pedro II (CP2), Campus São Cristóvão I, à Floresta da Tijuca e as construções de sentidos, afetos e aprendizagens para discentes e docentes. Nossa proposta é analisá-la por meio dos três momentos da aula, o antes, o durante (a aula-passeio em si) e o depois, provocando reflexões sobre a preparação, a aula e seus desdobramentos interdisciplinares posteriores.

METODOLOGIA

A aula em tela foi realizada com os estudantes que foram acompanhados pelas professoras do CP2, três delas preceptoras do programa Residência Pedagógica/CAPES – Pedagogia/UFRJ, juntamente com 10 residentes. No programa residência pedagógica, temos o cuidado de fazer registros individuais (cadernos de campo) e coletivos (documento compartilhado) de todas as atividades desenvolvidas pelos participantes, com observações sobre o trabalho desenvolvido, reflexões sobre a formação docente ali construída, sobre o desenvolvimento das crianças, etc..

Como metodologia para este artigo optamos por analisar estes registros de campo das residentes sobre o trabalho coletivo de professoras preceptoras e residentes, na realização de uma aula-passeio na Floresta da Tijuca. Também foram analisados registros dos estudantes que vivenciaram a atividade e que foram produzidos durante as aulas.

O PLANEJAMENTO E ATIVIDADES DE PREPARAÇÃO PARA A AULA-PASSEIO

Como em qualquer aula, o planejamento é uma etapa primordial para a sua realização. Trevisan (2016) salienta que a aula de campo⁵ não se limita às atividades no dia e local planejados, mas abarcam uma série de situações que se desenvolvem em três etapas - pré-campo, campo e pós-campo.

Ao iniciar o planejamento, além de ter clareza dos objetivos e a forma como os conteúdos serão abordados, é imprescindível levar em conta aspectos envolvidos na logística de uma atividade que será realizada fora da escola – espaço controlado e com uma rotina estabelecida de segurança e bem estar das crianças. É importante, por exemplo, pensar no tempo de deslocamento, o que levar, locais para abastecimento de água e banheiros, pontos estratégicos para paradas e lanche, quem serão os adultos que irão acompanhar os estudantes junto com os professores, autorizações etc. Para se fazer um bom planejamento é preciso que todos os adultos envolvidos, ou boa parte deles, tenham estado previamente no local. Algumas professoras da equipe do quarto ano, bem como algumas das residentes, não conheciam a

⁵ Não há consenso sobre o uso do termo aula-passeio, aula de descobertas ou aula de campo. Adotamos o termo aula-passeio por ser o termo utilizado por Célestin Freinet. No entanto, o próprio autor (FREINET, 1995) discute a expressão aulas-passeio pois os responsáveis das crianças achavam que era apenas passeio e não aula. Trevisan, por exemplo, defende o uso do termo aula de campo, e, trazemos suas reflexões por considerá-las importantes ao pensar as etapas de uma aula-passeio. Compreendemos que ambos autores compreendem a aula-passeio como momento de reflexão, estudo e construção de conhecimento e não apenas contemplação, como ressalta Trevisan (2016).

Floresta e por isso o grupo decidiu fazer uma reunião de planejamento *in locus*. A ideia era fazer a “Trilha dos Estudantes”, já que algumas das professoras já tinham conduzido estudantes por essa trilha, que é relativamente fácil e bem sinalizada, com 13 placas interpretativas com informações sobre a mata atlântica, a importância da floresta para a cidade, além de aspectos históricos sobre o parque; mas foi combinado de reavaliar e decidir se faríamos essa trilha com os estudantes, já que existem outras possibilidades. Professores e residentes leram/releam o Guia de Campo do Parque Nacional da Tijuca (Siqueira, 2013). O planejamento no Parque Nacional da Floresta da Tijuca foi, assim, tanto uma experiência formativa inicial para as estudantes de Pedagogia, quanto continuada para as professoras da equipe. A atividade foi agendada para um dia em que as professoras já costumam se reunir na escola para planejar, pegando uma parte do turno da manhã e outra do turno da tarde, para que todas pudessem participar. A participação das residentes nesse dia de planejamento foi muito importante. Além de conhecerem o local e colaborarem com o planejamento, elas perceberam e registraram uma série de aspectos presentes nas práticas pedagógicas das professoras ao prepararem uma aula-passeio:

“Durante toda a trilha observamos diferentes aspectos que têm potencial para serem trabalhados com as turmas, em especial o rio Tijuca, seu curso, as mudanças, o assoreamento, a vegetação e tudo que envolve o mesmo, já que esse [os rios] é um dos temas de trabalho do quarto ano. (Caderno de campo da residente Priscila Cordeiro)

Figura 1: Professoras e residentes durante o planejamento no Parque Nacional da Tijuca



Fonte: Elaboração própria.

Além do compartilhamento de propostas de atividades, como o uso de termômetros para a aferição de temperatura ambiental e do uso de celulares para a verificação das alterações de ruído, o encontro tinha como objetivo o reconhecimento do trajeto a ser percorrido com as crianças a fim de antecipar-se aos possíveis imprevistos. (...) Desde a entrada do parque eu notei que as professoras iam investigando a cada ponto o que poderia ser explorado: os textos das placas, a leitura dos mapas, a observação do contexto histórico, as características das plantas, o fluxo dos rios... Faziam conexões, buscavam ganchos com conteúdos que já tinham sido abordados em sala de aula e com os temas que seriam trabalhados adiante, como que enxergando de fora uma sequência

dos conhecimentos que já estavam “consolidados” e daquilo que precisava ser reforçado ou tratado mais profundamente. (Caderno de campo da residente Vanessa Saraiva)

[Na trilha] observamos os diversos componentes da natureza junto às placas de localização/explicação de cada trecho do Parque. As próprias informações fornecidas pelo Parque, desde os panfletos aos mapas explicativos, surgem como materiais pedagógicos de Língua Portuguesa, Geografia e Ciências. (Caderno de campo da residente Clícia Barros)

Trevisan, escrevendo sobre o potencial da aula de campo na formação inicial de professores de Ciências, chama a atenção para esse olhar cuidadoso do professor ao perceber cores, texturas, formas, elementos que podem contribuir para um aprendizado mais significativo. Segundo a autora as aulas de campo possibilitam um ensino mais participativo que ultrapassa a formalidade dos currículos tradicionais e a visita antecipada ao local permite “perceber a existência de outros elementos e facultar considerar que até o mesmo elemento serve de análise para várias disciplinas, tornando-se o campo, assim, um atrativo, cada vez mais integrador do conhecimento.” (2016, p. 76)

Para as residentes foi um momento valioso de formação docente. Nas palavras de Priscila Cordeiro, “essa experiência foi muito rica para nós professoras em formação, porque pudemos entender um pouquinho da importância do planejamento de uma aula-passeio”. A residente Vanessa destaca que “a experiência foi riquíssima em aprendizados, além do momento super agradável que passei com o grupo”. Estar em grupo para além da sala de aula, fortalecem as relações humanas, possibilitando também momentos de troca com outras pessoas com as quais normalmente não temos tanto contato.

Além de experiência significativa para as residentes, acrescentamos que a participação delas no planejamento e, posteriormente, no dia da aula-passeio, foi fundamental também para o sucesso da mesma, pois, para que as crianças pudessem aproveitar as experiências que a floresta proporciona era interessante que estivessem em grupos menores e isso só seria possível com o envolvimento de muitos adultos, o que não é a realidade da escola pública, uma vez que a escola continua funcionando com as demais turmas, com suas imensas demandas e necessidades. Para aproveitar ao máximo a experiência de contato com a natureza, com segurança nas trilhas, o ideal seria dividir cada uma das 9 turmas que compõem o quarto ano do Campus São Cristóvão I, em dois grupos de 10 a 12 crianças, mas isso faria com que precisássemos de, no mínimo, 4 adultos por turma, sem contar os acompanhantes das crianças com necessidades especiais. Optamos por levar 2 turmas por vez e dividirmos as crianças em 3 grupos de 15 a 17 crianças. Ainda assim, isso só foi possível, por termos na equipe 3 professoras

preceptoras e 15 residentes, que se dividiram entre os grupos e entre os dias em que as aulas-passeio aconteceram, conduzindo, inclusive, a atividade, junto às professoras.

As crianças também participaram de uma espécie de planejamento. Foram realizadas várias atividades em sala antes da ida à floresta, além de muitas conversas sobre como aconteceria a aula-passeio. Foi possível notar que isso reduz a ansiedade delas. No dia elas já sabiam que seriam divididas em grupos, quem seriam seus companheiros e os adultos que as acompanhariam nessa aventura. O combinado foi que todas poderiam brincar juntas no ponto de encontro, que seria o parquinho. Entre as atividades realizadas em sala estavam a exibição de vídeos, leitura de notícias e do material mencionado no caderno de campo de Clícia Barros. Foi possível fazer a leitura do folder no próprio suporte, trabalhar o vocabulário, a localização de informações no texto, estratégias de leituras e inferências, além da leitura do mapa.

O DIA DA AULA-PASSEIO

1. NA ESCOLA

O dia da aula passeio não começa no local da visita, mas sim na escola. A chegada da turma a escola nessa data é carregada de euforia, expectativas e suposições. Em nossa experiência, as crianças mostraram-se empolgadas, falavam sobre como escolheram as roupas e mochilas apropriadas, no que esperam ver e nos grupos dos quais fariam parte.

Esse espaço de tempo entre a chegada a ida de fato a aula passeio, apesar de permeado pela ansiedade comum a esses momentos, torna-se propício para retomada das orientações feitas previamente. Além disso, no caso da visita à floresta, planejou-se fomentar um comparativo entre o ambiente urbano onde a escola se localiza e o ambiente preservado do Parque Nacional da Tijuca. Portanto, esse tempo foi utilizado também para incentivar a percepção do espaço através dos sons, cheiros e temperaturas, construindo assim a possibilidade de estabelecer uma referência para um comparativo ao chegar na floresta. Através de um aplicativo nos celulares e de termômetros, medimos os decibéis e a temperatura do ambiente da escola antes da saída. Os educadores, ao planejarem uma aula-passeio devem considerar esse espaço de tempo como parte integrante desta aula.

2. O TRAJETO

Ao pensarmos em uma aula-passeio sempre nos atentamos ao que pode ser explorado no território escolhido considerando também o caminho que será feito, os diálogos que serão tecidos nesse tempo, o que é um processo formativo, que também compõe a aula.

Da nossa escola até a entrada do Parque Nacional da Tijuca foram cerca de 12km, um trajeto relativamente curto, mas extremamente potente no reconhecimento do espaço da cidade.

Percorrer a cidade com a turma, possibilita observações reais que vídeos e fotos em sala de aula não conseguem transmitir. As turmas identificaram espaços que foram mencionados durante o trabalho prévio, como o Rio Maracanã e a Aldeia de mesmo nome. Existe uma força em visualizar a concretude daquilo que muitos só haviam visto em fotos. Se para os adultos o espaço da cidade está permeado de afetos, isso não é diferente quando se trata das crianças. É comum ouvir frases como “eu já vim nesse lugar com a minha família”, “eu moro aqui perto” ou “meu tio trabalha aqui” entre outras.

Para Paulo Freire a leitura de mundo do aluno é forjada “no contexto de seu lar, de seu bairro, de sua cidade” (FREIRE, 1991, p.5) e ignorada na maior parte das escolas, por essa razão, (re)conhecer a cidade de forma coletiva é abrir espaço para que se compartilhe as múltiplas formas de ler e reler o mundo que as crianças carregam consigo.

É importante destacar que o trajeto, assim como a própria aula passeio, por mais que haja planejamento, se constitui também como o lugar da imprevisibilidade. É possível que estejamos esperando o interesse das crianças para algo e surja outra coisa que os convide mais. Em uma das turmas, não foi o rio, a subida ou a paisagem que mais chamou atenção e sim um grafite do artista Marcelo Eco que tratava a temática indígena e a preservação das águas. Esse foi assunto de muitos dos relatos dos alunos, e ainda meses depois é motivo de comentários e inspiração para outras atividades. O fator da imprevisibilidade não pode ser desconsiderado ou visto como motivo de medo pelos professores, mas como algo benéfico para que se explorem pontos que ainda não haviam sido considerados.

Deve-se salientar que o imprevisível pode surgir também no não interesse por essa observação, já que muitas vezes os momentos no ônibus são apropriados pelos alunos como espaços de troca, diversão e coletividade. Em nossa experiência, uma das residentes destaca em seu relato que a professora fez algumas tentativas de mostrar o Rio Maracanã e outros pontos da cidade, mas as crianças estavam mais interessadas em cantar.

3. A FLORESTA

A imersão na floresta é um momento único, que se torna ainda mais poderoso quando consideramos que pode ser a primeira oportunidade para muitas crianças, como destacado na fala de algumas crianças registradas por uma das residentes “Uma criança disse que sempre sonhou em fazer trilha, mas não tinha com quem ir, pois não é um costume dos seus familiares.” (Caderno de campo da residente Vanessa)

Adentrar a floresta é uma experiência sensorial completa, por isso devemos incentivar que as crianças usem todo o corpo para explorá-la através dos sentidos, como destaca Freinet. Esse aprendizado através do sentir, apesar de muitas vezes desconsiderado, não é algo novo. Comenius (2001, p.60) já considerava que “nada pode ser objeto da inteligência que primeiro não tenha sido objeto dos sentidos, a mente recebe dos sentidos a matéria de todos os seus pensamentos” por isso, destaca-se a importância da aula-passeio para a construção de uma aprendizagem integral e significativa.

Ao chegar na trilha, fizemos a medição dos decibéis e aferimos a temperatura, além de conversar sobre as diferenças observadas. A trilha dos estudantes possui placas explicativas em toda sua extensão que foram utilizadas pelas professoras como um ponto de partida para as conversas, lia-se as informações contidas e na sequência conversamos sobre o que estava descrito. Alguns pontos elencados no planejamento não estavam nas placas, nesses casos, buscamos chamar atenção das crianças diretamente a eles, como as raízes que sustentam a terra, as mudanças no rio, a vegetação e os animais. Em outros momentos as crianças faziam suas próprias observações e chamavam atenção do grupo.

O exercício de um olhar atento mostrou-se capaz de mudar a percepção das crianças, das professoras e das residentes. A exemplo disso, com uma das turmas, quando observamos os líquens pela primeira vez, algumas crianças tiveram certa dificuldade em identificar, mas na sequência, em todas as paradas, apontavam os líquens nas árvores. Isso nos traz a reflexão que todo aprendizado transforma a forma como enxergamos o mundo e a experimentação é essencial para construir aprendizados reais.

Durante a visita é possível também explorar a curiosidade das crianças trazendo questões para as quais, talvez, elas ainda não tenham respostas. Um exemplo disso são os “furinhos” lineares nas folhas de uma determinada planta, os quais se explicam pelo fato de que esta folha é furada quando ainda encontra-se fechada, mas para as crianças – e adultos que desconhecem esse fato – as explicações são múltiplas e geram uma conversa enérgica.

Figura 2: Folha com furos padronizados.



Fonte: Elaboração própria.

Em todo percurso da trilha, as crianças levantavam questões a partir das observações, como as pegadas desenhadas para marcar a trilha, as diferentes formas das raízes e troncos, os animais que surgiam, além das construções históricas presentes na trilha. Essas inferências, por vezes curiosas, propiciam ao professor que está guiando o grupo oportunidades únicas para apropriar-se de temas, previstos ou não, de forma orgânica.

Próximo ao final da trilha há um centro de visitantes, que apesar de fechado para manutenção, possibilita o diálogo sobre a história da floresta. Há uma estátua em homenagem às pessoas escravizadas responsáveis pelo reflorestamento, isso abre espaço para um diálogo interdisciplinar sobre um período vergonhoso da nossa história, que não deve ser apagado, já que por vezes o mérito do reflorestamento é atribuído apenas ao Imperador.

Ao fim da trilha encontra-se um parquinho onde se realiza o lanche, e as crianças podem brincar com todos os grupos reunidos. Nesse espaço, chamou atenção de todos a forte neblina que cobria os brinquedos e de longe impossibilitava totalmente a visibilidade. Essa observação foi importante já que as turmas haviam estudado previamente sobre a evapotranspiração das plantas e puderam observar a influência desse fenômeno na névoa da floresta.

Toda essa experiência formativa de imersão na floresta aqui relatada, ampara-se na pedagogia de Freinet que defende o tateamento experimental, segundo COSTA (2011) para Freinet “[...] essa premissa valoriza a necessidade de se aprender com a prática a construir o conhecimento por meio de situações reais que remetem à construção do pensamento. Ou seja, é necessário vivenciar para aprender.” (COSTA, 2011, p. 33)

E DEPOIS DA AULA?

Inúmeras atividades, de diversas áreas do conhecimento, foram realizadas na escola a partir da aula-passeio no Parque Nacional da Tijuca. Como exemplo, podemos citar situações-problema envolvendo horários do parque, duração da trilha, altitude das montanhas avistadas

durante o passeio; relatos que foram revisados e compartilhados; aprofundamento de temas que despertaram o interesse das crianças, como a reintrodução dos jabutis e das cutias vermelhas na floresta; entre outras.

A partilha de conhecimentos revela as múltiplas faces das vivências em conjunto teórico-prático, que proporciona a transformação da experiência. Segundo Larrosa (2002), uma experiência efetiva é aquela que nos toca, diferente da informação, da opinião, do trabalho, se expressa na produção de afeto, de marcas, que reúne a vida humana e o conhecimento. Portanto, as vivências aqui expostas retratam a efetiva valorização da subjetividade em inúmeras interpretações, existindo os diferentes pontos de vista, seja das professoras preceptoras, crianças e residentes.

A constante dinâmica dialógica entre o planejamento interdisciplinar e o reconhecimento da imprevisibilidade na aula de campo – entendendo a imprevisibilidade não como algo a parte, e sim, como complementação na ação pedagógica – proporcionaram acontecimentos que antecederam e perpetuaram posteriormente a aula de campo da Floresta da Tijuca. Como exemplo, foi proposta uma atividade por uma das residentes a partir do momento de descontração as crianças no transporte de volta à escola, onde constataram a semelhança da música “Passarinhos” do rapper Emicida com a temática da aula. Desfrutando da diversidade de palavras, a residente engajou-se nos conteúdos de Língua Portuguesa, elaborando perguntas de incentivo ao pensamento crítico, como “Por que você acha que a música recebeu esse título?” e sobre os sentidos figurado e literal das palavras. Esse conteúdo já estava sendo trabalhado em aula, tendo aparecido inclusive em uma das atividades preparatórias para a aula-passeio, na leitura de uma notícia, cuja manchete dizia que a Floresta da Tijuca estava localizada “no coração da cidade” (Pedro, 2016). Assim, os conteúdos vão sendo explorados e revistos, de forma contextualizada, à medida que vão surgindo possibilidades de conexões, formando uma imensa teia de sentidos para as crianças.

Mesmo tendo se passado algum tempo da ida à floresta, após a leitura de um poema de Thiago Hakyi (2015) que versava sobre um dia na vida de um curumim – durante uma atividade em que as crianças eram solicitadas a relatarem também alguma memória com a natureza –, muitas quiseram falar sobre a experiência na floresta.

Eu já vivi uma experiência meio parecida com a do curumim, eu só não pesquei e nem fiz carinho em nenhum animal. Essa experiência que eu vivi foi nesse ano, junto com a minha turma. (...) Foi muito legal, eu adorei, foi uma bela aula-passeio. Foi muito divertido e deu para aprender muitas coisas.” (Relato da estudante Lavínia)

Eu imagino que viver isso [a pescaria do curumim] deve ser mágico. Eu já fui na Floresta da Tijuca. Foi legal e divertido. (...) vimos líquens, rios, árvores, pé de jaca, etc. Foi muito legal!” (Relato da estudante Luana)

A revisitação da aula-passeio como memória afetiva em outras ocasiões fortalece a concepção do espaço escolar como um espaço alegre, repleto de descobertas e principalmente, de pertencimento. O contato com a Floresta, um ambiente arborizado, junto a uma continuidade de atividades relacionadas ao impacto na construção e transformação do Parque Nacional da Tijuca, amplia não só os interesses e partilhas, mas principalmente, o repertório cultural das crianças por meio da reflexão do contexto em que estão inseridas.

Através da transversalidade das relações é que a experiência torna-se transformadora, nos conduz para uma afirmação sobre a essência do saber, na qual caracteriza-se pelas atualizações de novos repertórios, ocorrendo momentos inéditos. Para Rolnik (1993), as marcas teórico-práticas, por sua vez, não possuem um padrão a ser vivido, muito menos seguindo uma linha cronológica, é sobre o processo da transformação do saber, competindo a sua base o aprendizado e o conhecimento em virtude de nossas experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram muitas as aprendizagens para todos os envolvidos nesta aula, como já destacara Freinet (1975) ao discutir sobre os ganhos das aulas-passeio. As crianças puderam aprender com a vivência e para além dela, aprendendo os conteúdos curriculares por meio da experiência e fazendo conexões com temas futuros abordados durante as aulas.

Para as professoras em formação, a aprendizagem da docência com professoras mais experientes representa uma oportunidade ímpar durante sua formação inicial defendida por nós, numa real parceria entre escola e universidade (RODRIGUES, 2017). Compreendemos que os saberes docentes (TARDIF, 2002) construídos no trabalho, são elementos fundamentais para o fazer docente. Portanto, somente com a parceria entre estes dois lócus de formação, escola e universidade, onde professoras constroem e partilham saberes com licenciandas, a articulação entre os conhecimentos dos cursos de formação de professores (universidade) e os saberes docentes (escola) ocorre. Planejar junto com as professoras, propor atividades com crianças, realizar mediações das mais diversas durante as aulas, contribuem para a construção dessa aprendizagem da docência e foram vivenciadas pelas futuras professoras por meio da experiência da aula-passeio.

No mais, aprendemos com o desenvolvimento desta aula-passeio, em suas diferentes etapas, que “a educação não é uma fórmula de escola, mas sim uma obra de vida” (FREINET, 1988, p. 7). Assim, a aula-passeio se constitui numa pequena chama para o desejo de conhecimento das crianças atrelado à vida, e, no momento que a escola a apresenta, mesmo que “uma chama muito pequena, que a vida [se] alimentará e [se] ampliará” (*idem*, p.18).

REFERÊNCIAS

- COMENIUS, Iohannis Amos. Didáctica magna. (1630) Tradução de Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- COSTA, Marianna. FREINET: SUAS CONTRIBUIÇÕES AO PROCESSO DE SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL, EM ESPECIAL A "AULA DAS DESCOBERTAS". Dissertação de mestrado. Curitiba, 2011. Disponível em http://www.ppge.ufpr.br/teses/M11_Marianna%20da%20Cunha%20Canova%20Costa.pdf. Acesso em: 27/09/2023.
- FREINET C. As técnicas de Freinet da escola moderna. São Paulo, Editorial Estampa, 1975.
- _____. Pedagogia do Bom Senso. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- FREIRE, Paulo. Leitura da palavra... leitura do mundo. O Correio da UNESCO, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 4-9, fev. 1991. Entrevista concedida a Marcio D'Olne Campos.
- HAKIY, Thiago, BORGES, Thaissa. A pescaria do curumim e outros poemas indígenas. São Paulo: Panda Books, 2015.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, n° 19. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 25/09/2023.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera. Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura. Orgs.: Janete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb//arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>. Acesso em: 16 de novembro de 2023.
- PEDRO, Vínicius. Floresta no Coração da Cidade. In: Ciência Hoje das Crianças. fev., 2016. Disponível em: <https://chc.org.br/coluna/floresta-no-coracao-da-cidade/>. Acesso em 26/09/2023.
- RODRIGUES, Priscila. A.M. Parceria entre Universidade e Escola Básica na formação didática de docentes: condições e elementos (estratégias) para seu desenvolvimento. In: Giseli Barreto da Cruz; Ana Teresa de C. C. de Oliveira; Maria das G. C.A. Nascimento. (Org.). ENSINO DE DIDÁTICA: entre ressignificações e possibilidades. 1ed. Curitiba: CRV, 2017, v., p. 89-102.
- ROLNIK, Suely. Pensamento, Corpo e Devir: uma perspectiva ético/ estético/ política no trabalho acadêmico. Cadernos de Subjetividade PUC-SP. São Paulo, vol.1, n° 2, 241-251, 1993.
- SIQUEIRA, Andréa Espinola (org.). Guia de Campo da Floresta da Tijuca. Rio de Janeiro: UERJ/IBRAG, 2013.
- TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TREVISAN, Inês. Aula de Campo na Formação Inicial de professores de Ciências: articulações e possibilidades. Curitiba: CRV, 2016.